

NATHAN ENGLANDER

Do que a gente fala quando fala de Anne Frank

Tradução

Claudio Alves Marcondes



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2013 by Nathan Englander

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

What We Talk About When We Talk About Anne Frank

Capa

Sabine Doweck

Preparação

Ana Cecília Aguiar de Melo

Revisão

Márcia Moura

Carmen S. da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Englander, Nathan

Do que a gente fala quando fala de Anne Frank / Nathan Englander; tradução Claudio Alves Marcondes — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: What We Talk About When We Talk About Anne Frank.

ISBN 978-85-359-2236-3

1. Contos norte-americanos 1. Título.

13-01475

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura norte-americana 813

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Do que a gente fala quando fala de Anne Frank, 9
Colinas irmãs, 43
Como vingamos os Blum, 85
<i>Peep Show</i> , 107
Tudo o que sei sobre o lado materno da minha família, 122
Campo do Pôr do Sol, 142
O leitor, 169
Frutas de graça para jovens viúvas, 188
Agradecimentos, 206

Do que a gente fala quando fala de Anne Frank

Não se passaram nem dez minutos desde que chegaram em nossa casa e Mark começa a dissertar sobre a ocupação israelense. Mark e Lauren vivem em Jerusalém e, como todo mundo que mora lá, acham que esse é um direito deles.

Mark já está se pondo todo estoico e balançando a cabeça. “Se tivéssemos o que vocês têm aqui no sul da Flórida...”, diz, deixando morrer a frase. “Sim, senhor”, e balança de novo a cabeça. “Aí sim não teríamos mais nenhum problema.”

“Mas vocês *têm* tudo o que há por aqui”, digo eu. “Absolutamente tudo. Sol e palmeiras. Judeus velhos e laranjas e os piores motoristas do mundo. E nesta altura”, digo, “provavelmente tem mais israelenses aqui do que lá.” Debbie, a minha mulher, pousa a mão no meu braço. É assim que me avisa quando estou me exaltando, ou interrompendo alguém, ou dizendo algo que não deveria, ou contando uma piada inconveniente. Essa é a minha deixa, e é espantoso, considerando a quantidade de vezes que faz isso, que ela consiga largar do meu braço.

“É verdade, agora tem de tudo por aqui”, replica Mark. “Até terroristas.”

Olho para Lauren. É ela a pessoa com quem a minha mulher tem um relacionamento — ela é que deveria assumir o controle. Mas é óbvio que Lauren não vai fazer sinal nenhum para o marido. Vinte anos atrás, ela e Mark fugiram para Israel e viraram hassídicos, e nenhum deles vai tocar o outro em público. Não para isso. Não para apagar um incêndio.

“Não era o Mohamed Atta que vivia aqui antes do Onze de Setembro?”, diz Mark, e faz uma pantomima, como se estivesse apontando casas, “Goldberg, Goldberg, Goldberg — Atta. Como é que ninguém notou a presença dele neste lugar?”

“Era no outro lado da cidade”, digo.

“É disso mesmo que estou falando. É isso o que vocês têm, e nós não temos. Outros lados na cidade. Lados bons e ruins. Espaço que não acaba mais.” Agora está passando os dedos pelo balcão de granito da cozinha, examinando a sala de estar e a sala de jantar, espiando a piscina através da janela. “Uma casa como esta”, diz, “e só um filho? Dá pra imaginar?”

“De jeito nenhum”, diz Lauren. E aí ela se vira para nós, apoiando o marido. “Vocês precisam ver como fazemos para morar com dez.”

“Dez crianças”, digo. “De repente a gente até consegue que façam um *reality show* com vocês aqui nos Estados Unidos. Para ajudar vocês a conseguir uma casa maior.”

A mão volta a me puxar pela manga. “E as fotos?”, diz Debbie. “Quero ver as meninas.” Todos seguimos atrás de Lauren rumo à sala de tv, onde ela deixou a bolsa.

“Dá pra acreditar nisso?”, diz Mark. “Dez meninas!” E o jeito como isto sai de sua boca, pela primeira vez eu simpatizo com esse cara. Pela primeira vez me ocorre que ele merece uma chance.

Deb e Lauren se reencontraram graças ao Facebook e ao Skype. Viviam coladas uma na outra quando jovens. Frequentaram as mesmas escolas a vida toda. *Yeshivá*. Só para meninas. Em Queens, no secundário; depois tomavam juntas o metrô para outra, chamada Central, em Manhattan. Foram melhores amigas para sempre até que casei com Deb e fiz dela uma mulher secular, e logo depois Lauren conheceu Mark, eles foram embora para a Terra Santa e passaram de ortodoxos a *ultraortodoxos*, o que para mim soa mais como um detergente reformatado — ORTODOXO ULTRA®, agora com poder de redenção mais profundo. E, por causa disso, agora supostamente temos de chamar esses dois de Shoshana e Yerucham. É o que Deb vem fazendo. Eu apenas não menciono os nomes.

“Você quer água?”, ofereço. “Uma lata de Coca?”

“Você’ — a quem está se referindo?”, pergunta Mark.

“Vocês *dois*”, respondo. “Tem uísque também. Uísque é *kasher*, não?”

“Se não for, cuido disso rapidinho”, diz ele, fingindo despreocupação. E, no mesmo instante, tira o chapelão preto e desaba no sofá da sala de tv.

Lauren afasta as tiras da persiana e espreita o quintal. “Duas garotas de Forest Hills”, diz. “Quem diria que seríamos mães de adultos?”

“Trevor está com dezesseis”, diz Deb. “Talvez para você seja adulto, e ele mesmo pode se achar adulto — mas nós, nós não estamos lá muito convencidos disso.”

“Ora”, diz Lauren, “então quem iria imaginar que teríamos filhos criados para achar normal ter cocos caindo no quintal e lagartos andando pelos muros?”

Bem nesse momento Trev entra em silêncio na sala de tv,

com todo o seu metro e oitenta, a calça xadrez do pijama arrastando no chão e a camiseta esburacada. Acabou de acordar e é óbvio que ainda não está muito convencido de que terminou o sonho. Nós bem que o avisamos de que teríamos visitas. Mas aí está o Trev, encarando esse sujeito de terno preto, com uma barba que chega à metade da barriga. E Lauren, eu a vi uma vez antes, assim que Deb e eu nos casamos, mas depois de dez partos e milhares de jantares de Shabat — bem, ela é uma mulher grande, com um vestido medonho e uma gigantesca peruca loira de Marilyn Monroe. Quando abri a porta e vi os dois, não posso negar que eu mesmo fiquei chocado. Mas o garoto, bem, ele não consegue disfarçar.

“Oi”, diz ele.

E aí Deb vai para cima dele, alisando e arrumando o cabelo dele e o abraçando. “Trevy, essa é a minha melhor amiga de infância”, diz ela. “A Shoshana, e ele é —”

“Mark”, digo eu.

“Yerucham”, diz Mark, estendendo a mão. Trev o cumprimenta. Depois Trev estende a mão, educado, para Lauren. Ela apenas a olha, ali pendurada no ar — oferecida.

“Não dou a mão”, diz. “Mas estou muito contente de ver você. É como conhecer o meu próprio filho. Sério mesmo”, ela diz. E então começa a chorar, de verdade. E ela e Deb ficam se abraçando e Deb também está chorando. E nós, os meninos, ficamos ali parados até que Mark espia seu relógio e dá um bom e viril aperto no ombro de Trev.

“Dormindo até às três no domingo? Puxa, isso é que é vida”, diz Mark. “Um rematado pentelhinho.” Trev olha para mim e fico tentado a dar de ombros, mas, como Mark também está olhando, me contenho. Trev então apenas lança seu melhor olhar adolescente e vai se esgueirando para fora da sala. Ao fazer

isso, murmura “treino de basquete” e apanha as chaves do carro no gancho junto à porta para a garagem.

“Tem gasolina”, digo.

“E aqui deixam um garoto de dezesseis dirigir?”, pergunta Mark. “Que loucura.”

“E o que o traz de volta”, digo, “depois de tanto tempo fora?” Deb está longe demais para me apertar o braço, mas seu rosto diz tudo. “Eu deveria saber?”, pergunto. “Claro, Deb deve ter me contado. Sem dúvida ela me contou. Culpa minha.”

“É minha mãe”, diz Mark. “Já está debilitada, e meu pai está sentindo a idade — todos os anos eles iam nos visitar em Sukot. Sabe?”

“Claro que sei das festas”, digo.

“Costumavam tomar o avião para ir nos visitar. Tanto em *Sukot* como em *Pessach*. Mas agora não podem mais viajar, e achei melhor vir enquanto as coisas ainda estão mais ou menos bem. Não voltamos para os Estados Unidos desde...”

“Ó, vida”, exclama Lauren. “Tenho até medo de fazer a conta. Mais de dez anos. Doze. Faz doze anos. Com as meninas, não dava mesmo, até que algumas ficassem maiores. Talvez esta seja” — e agora ela é que despenca no sofá — “talvez esta seja a primeira vez que fico tanto tempo sem as crianças por perto. Puxa vida. É verdade. Que estranho. Acho que vou desmaiar. E quando digo *desmaiar*”, prossegue, levantando-se e dando um giro curiosamente juvenil, “o que quero dizer é tonta.”

“Como vocês conseguem?”, pergunta Deb. “Dez meninas? Morro de curiosidade...”

Então me lembro. “Esqueci da sua bebida”, digo a Mark.

“É isso, a bebida dele. É assim”, diz Lauren. “É assim que conseguimos.”

E é assim que nós quatro acabamos à mesa da cozinha em volta de uma garrafa de vodca. Não sou de ficar bêbado numa tarde de domingo, mas tenho de confessar que, diante da perspectiva de passar o dia com Mark, não hesito em agarrar a oportunidade. Deb está bebendo também, mas não pelo mesmo motivo. No caso dela e de Lauren, acho que estão revivendo um pouco os tempos de farra. Aquele intervalo tão breve da época em que viviam juntas, mal saídas da adolescência, duas jovens morando em Nova York, entre dois mundos. E bem que elas parecem, as duas, estar muito contentes com esse reencontro, acho que elas estão em parte comemorando e em parte estão com dificuldade de lidar com a intensidade da coisa toda.

Agora já na segunda dose, Deb diz: “Isto é realmente excitante para nós. Excitante *mesmo*, quero dizer. Procuramos não beber muito atualmente. Achamos que pode ser um mau exemplo para o Trevor. Não é bom beber na frente deles, quando estão nessa idade em que adoram transgredir. De repente, ele ficou bem interessado nesse tipo de coisa”.

“Para mim basta que se interesse por algo”, digo.

Deb golpeia o ar. “Simplesmente não acho bom dar a impressão, para um adolescente, de que beber é algo divertido.”

Lauren sorri e ajeita a peruca. “Mas tem alguma coisa que a gente faz que pareça divertida para nossos filhos?” Isto me faz rir. Sinceramente, cada vez gosto mais dela.

“O problema é o limite de idade”, diz Mark. “Todo esse puritanismo americano, só pode beber depois de vinte e um e coisas assim. Em Israel, ninguém liga muito pra isso, e a garotada nem sequer se dá conta de que existem bebidas. Com exceção dos trabalhadores estrangeiros às sextas, dificilmente a gente vê alguém bêbado.”

“Os trabalhadores e os russos”, diz Lauren.

“Os imigrantes russos”, diz ele, “mas aí é outra história. Quase todos, sabe, nem mesmo são judeus.”

“O que significa isso?”, digo.

“A questão da descendência matrilinear, isso é o que quero dizer”, responde Mark. “Significa que, no caso dos etíopes, houve conversões.”

Mas Deb quer nos manter longe da política e, pela nossa disposição à mesa, eu sentado no meio deles, com Deb do outro lado (é redonda a mesa da nossa cozinha), ela praticamente tem de se arremessar para diante se quiser agarrar o meu braço. “Prepare outro pra mim”, diz.

E nisso ela muda de assunto, voltando para os pais de Mark. “Como está indo a visita?”, diz ela, o rosto todo ensombrecido. “Como estão seus pais?”

Deb tem muito interesse pelos pais de Mark. Eles são sobreviventes do Holocausto. E Deb está tomada pelo que só se pode chamar de obsessão doentia pela ideia de que aquela geração está acabando. Não me entendam mal. Isso também é importante para mim. Também me preocupa. Tudo o que estou dizendo é que existe saudável e existe doentio, e a minha mulher, bem, ela dedica ao assunto muito tempo, tempo *demais*. “Sabiam”, é capaz de dizer para mim e para o Trevor, absolutamente a partir do nada, “que os sobreviventes da Segunda Guerra morrem num ritmo de mil por dia?”

“O que posso dizer?”, diz Mark. “Minha mãe está muito doente. E o meu pai... ele tenta se manter animado. Ele é do tipo durão.”

“Sem dúvida”, digo. E aí olho para a minha bebida, completamente sério, e balanço um pouco a cabeça. “Eles são mesmo assombrosos.”

“Quem?”, pergunta Mark. “Os pais?”

Ergo os olhos e todos estão me encarando. “Os sobreviventes”, respondo, consciente de estar levantando a lebre.

“Tem os bons e os maus”, continua Mark. “Como qualquer outro tipo de gente.” E então ri. “Se bem que na casa dos meus pais não tem outro tipo de gente.”

Lauren diz: “Vocês tinham de ver aquilo. Todo o condomínio Carmel Lake Village mais parece um campo de refugiados com sala de bilhar. Estão todos lá”.

“Um fala para o outro”, diz Mark, “e eles vão atrás. É incrível. Da Europa para Nova York, e agora, no final da vida, todos de novo juntos no mesmo lugar.”

“Conta pra eles aquela história maluca”, diz Lauren. “Conta pra eles, Yuri.”

“Vamos, conta”, diz Deb. Posso ver em seus olhos que ela espera uma dessas histórias sobre um sujeito que passou três anos escondido dentro de um daqueles canhões de parque de diversões. E no final da guerra, um Gentio Justo aparece todo alegre e dispara o canhão, arremessando o fulano através de um aro e dentro de um tanque de água, onde ele reencontra o filho perdido, respirando por um canudo.

“Então vocês podem imaginar meu pai”, começa Mark, “em sua terra natal, onde ia ao *cheder*, usava *peyot* e todo o resto. Mas nos Estados Unidos virou um típico *galusmonger*. Ele é mais parecido com vocês do que comigo. Não é dele que veio isto” e indica a própria barba. “Shoshana e eu...”

“Nós sabemos”, digo.

“Bem, meu pai. Eles têm lá um belo campo de golfe com nove buracos, uma área de prática, e alguns *greens* pra treinar as tacadas. E calha que meu pai decide ir à sede do clube. Eu vou junto. Ele quer se exercitar um pouco na academia, ele diz. Manda eu ir também. Fazer um pouco de exercício. E aí ele me diz” — e Mark aponta para o próprio pé, mostrando a perna que

estava debaixo da mesa para a gente ver os sapatos pretos e pesadões — “Não dá pra usar esses sapatos de Shabat na esteira. Tem de arrumar um tênis. Sabe, aqueles sapatos esportivos?”. E então eu respondo: ‘Sei muito bem o que é um tênis. Não esqueci meu inglês mais do que o senhor esqueceu o ídiche’. E aí ele diz ‘*A shaynem dank dir in pupik*’,* só para me pôr no meu lugar.”

“A história”, diz Lauren. “Conta a história pra eles.”

“Então lá está ele sentado no vestiário, tentando puxar a meia, o que, na idade dele, já é no fundo todo o exercício. Leva um tempão. E enquanto espero, vejo algo incrível. Quase desmaio. O sujeito ao lado dele, o número no braço, são três números abaixo do número do meu pai. Sabe, na sequência.”

“O que você quer dizer?”, pergunta Deb.

“Estou falando do número tatuado. É igual ao número de campo do meu pai, algarismo por algarismo, mas o do meu pai termina com um oito. E o desse cara, com um cinco. É a única diferença. Ou seja, estão separados só por duas pessoas. E eu olho para o sujeito que eu nunca tinha visto na vida. Eu digo, ‘Com licença, senhor’. E tudo o que ele diz é ‘Você é do Chabad? Não quero nada, me deixe em paz. Já tenho velas em casa’. Aí eu digo ‘Não, não sou. Estou visitando meu pai’. Aí viro pro meu pai e pergunto ‘O senhor já conhece esse cavaleiro? Vocês já se encontraram? Gostaria muito de apresentá-los, se ainda não se conhecem’. E então eles ficam se encarando, sem brincadeira, por vários minutos. Intermináveis minutos. É como — e digo isso com *kavod*, com todo o respeito por meu pai —, é como observar um par de grandes peixes-bois pardos sentados em um banco, cada qual com a sua meia em um dos pés. Eles ficam só olhando um para o outro de cima a baixo, numa lentidão exasperante. E

* “Obrigado por nada.” (N. T.)

então meu pai diz: ‘Já, já o vi. Eu o vi por aí’. E o outro diz: ‘É, também já o vi’. ‘Vocês dois são sobreviventes’, digo então. ‘Vejam, vejam. Os números.’ E eles olham. ‘São iguais’, digo. Os dois estendem os braços para examinar as pequenas tatuagens desbotadas. ‘São *iguais*’, digo. E, para meu pai, digo ‘O senhor entende? Iguais, a única diferença é que o número dele — o dele vem logo antes do seu. Olhe! Compare’. E aí eles olham. E comparam.” E para nós, agora, os olhos de Mark estão saltando das órbitas. “Quero dizer, pensem nisso”, diz ele. “Pelo mundo afora, sobrevivendo ao insobrevivível, esses dois velhos acabam com dinheiro suficiente para se aposentar e morar em Carmel Lake e jogar golfe todos os dias. Então digo a meu pai, ‘Ele vem logo antes’, é o que digo. ‘Olhe aqui, um cinco’, digo. ‘E o seu é um oito.’ O outro sujeito olha, meu pai olha, e meu pai diz: “Tudo isso só quer dizer que ele furou a fila e passou na minha frente. Tanto lá como aqui. Não queria dizer isso, mas esse cara é um furador de fila’. ‘Vão se catar vocês dois!’, diz o outro. E ficou nisso. Aí voltaram a puxar as meias.”

Deb parece decepcionada. Esperava algo mais inspirador. Uma história que lhe servisse para instruir Trevor, para reforçar a crença dela naquela humanidade que brota da própria desumanidade. Por isso, agora está com o olhar parado, a boca imobilizada em um sorriso débil e aquoso.

Eu, por mim, adoro esse tipo de história. Estou começando a ficar apegado de verdade a esses dois, e não só porque de repente estou me sentindo bêbado.

“Muito boa essa história, Yuri”, digo, imitando a mulher dele. “Yerucham”, digo, “essa é tiro e queda.”

Yerucham se levanta da mesa, parecendo orgulhoso. Examina o rótulo do pão branco sobre o balcão — verificando se é *ka-sheer*. Apanha uma fatia, tira a casca e, com a palma da mão, rola a parte branca no tampo do balcão. Vai rolando até formar uma

bolinha. Ele volta, serve-se de outra dose e a entorna de um gole só. E depois come aquela bizarra bolinha de massa. Simplesmente atira a bolinha na boca, como se fosse o fundo de seu próprio sinal de pontuação — sabe como é, para sublinhar a história.

“É bom isso?”, pergunto.

“Experimente”, responde. Ele vai até o balcão e me arremessa, pelo ar, uma fatia de pão branco, enquanto diz: “Mas antes tome outra dose”.

Estendo o braço para a garrafa e vejo que Deb está com as mãos em volta dela, a cabeça inclinada para a frente, como se a garrafa lhe servisse de âncora, impedindo que tombasse de costas.

“Tudo bem, Deb?”, pergunta Lauren. Ela coloca a mão no pescoço de Deb, e depois passa a lhe esfregar o braço. Sei o que está acontecendo. Sei muito bem o que está acontecendo. Então me levanto e digo: “É porque era engraçado”.

“Querido!”, exclama Deb.

“Ela não vai dizer, mas ela é um tanto obcecada com o Holocausto. E essa história, Mark, sem ofensa, não é bem o que ela esperava.”

O olhar de Mark vai e volta entre nós. E, sinceramente, o sujeito parece magoado. Eu deveria parar por aí, eu sei. Mas tenho de ir mais além. Não é todo dia que recebemos alguém dos tempos de colégio da Deb, descortinando novas perspectivas.

“É como se ela fosse a filha de um sobrevivente, essa minha mulher. É maluca, a educação que lhe deram. Os avós dela nasceram todos no Bronx, mas é como se fosse... sei lá. É como se aqui estivéssemos a meia hora do centro de Miami, mas na verdade estamos em 1937, morando na periferia de Berlim. É espantoso.”

“Não é nada disso!”, exclama Deb, claramente na defensiva, a voz quase esganiçada. “Não estou chateada com isso. É a bebida. Toda essa bebida”, diz e rola os olhos, fazendo pouco daqui-

lo. “É isso e o reencontro com Lauren. Rever Shoshana, depois de tanto tempo.”

“Ó, era sempre assim no colégio”, diz Shoshana. “Ela tomava uma dose e começava a chorar.”

“Está comprovado que o álcool é um depressivo”, diz Yerucham. Por isso, por enunciar fatos assim, logo ele volta a se tornar antipático para mim.

“Querem saber mesmo o que a deixava alucinada, o que a deixava feliz mesmo?”, diz Shoshana. Para ser sincero, não tenho a menor ideia do que vem pela frente. Estou tão desprevenido quanto Deb com a história dos números tatuados.

“Era puxar fumo...”, conta Shoshana. “Era isso o que ela adorava fazer. Quando fumava, ficava rindo sem parar, horas e horas.”

“Ó, meu Deus”, diz Deb, mas não para Shoshana. Está apontando para mim, provavelmente porque minha expressão entrega todo o meu espanto. “Vejam meu grande marido secular”, diz Deb. “Na verdade, ele não consegue lidar com isso. Não consegue aceitar que sua mulher já fez alguma travessura — o Senhor Liberal de Cabeça Aberta.” Voltando-se para mim, diz: “Com que esposa mais casta você poderia sonhar do que uma jovem que passou pela *yeshivá* e guardou a virgindade até os vinte e um? Francamente”, continua, “o que você acha que Shoshana iria dizer que era tão divertido?”.

“De verdade, de verdade?”, pergunto. “Prefiro não dizer. É muito constrangedor.”

“Queremos saber”, diz Mark. “Afinal, estamos entre amigos. Amigos novos, mas amigos.”

“Imaginei que vocês —”, começo a dizer, mas me contenho. “Você vai me matar.”

“Diga logo!”, diz Deb, claramente exultante.

“Sinceramente, achei que iria dizer que era algo assim co-

mo participar de uma competição pelo melhor rocambole de nozes de Páscoa, ou o melhor bolo-esponja. Algo desse tipo.” Abaixo a cabeça. E Shoshana e Deb estão rindo tanto que mal conseguem respirar. Estão agarradas uma à outra de um jeito que eu não consigo dizer se estão se segurando para não cair ou se estão puxando uma à outra para baixo. Fico esperando que uma delas caia no chão.

“Não acredito que você contou a ele sobre o rocambole de nozes”, diz Shoshana.

“E eu não acredito que você acabou de contar ao homem com quem estou casada há vinte e dois anos que a gente costumava puxar fumo. Não vejo um baseado desde que casamos”, diz ela. “Não é assim, querido? Fumamos alguma vez desde o casamento?”

“Não”, respondo. “Faz muito, muito tempo.”

“E aí, diga lá, Shosh. Quando foi com você? Qual foi a última vez que você fumou?”

Bem, sei que já mencionei a barba do Mark. Mas não sei se disse o quanto ele é peludo. Ela chega, essa coisa, quase até os olhos. Como se tivesse pestanas sobre os olhos e também embaixo deles. É assombroso. Por isso, quando Deb faz a pergunta, os dois, Shosh e Yuri, estão basicamente dando uns risinhos pueris, e dá até para notar, naquela nesga visível, na fresta de pele que consigo ver, que as pálpebras e os lóbulos da orelha de Mark estão completamente corados.

“Quando Shoshana disse que bebemos para aguentar essa vida”, conta Mark, “na verdade estava brincando sobre a bebida.”

“Não bebemos muito”, diz Shoshana.

“Ela estava se referindo ao fumo”, diz ele.

“A gente fuma”, diz Lauren, confirmando.

“Cigarros?”, diz Deb.

“Nós ainda puxamos fumo”, diz Shoshana. “Praticamente o tempo todo.”

“E se dizem hassídicos!”, exclama Deb. “Vocês não podem fazer isso! De maneira nenhuma.”

“Todo mundo fuma em Israel. É como os anos sessenta lá”, diz Mark. “Como uma revolução. É o país mais chapado do mundo. Mais do que a Holanda, a Índia e a Tailândia juntas. Mais do que qualquer outro lugar, até mesmo a Argentina — ainda que esta talvez esteja empatada conosco.”

“Bem, talvez seja por isso que a garotada não tenha interesse em bebida.”

Yerucham admite que talvez seja assim mesmo.

“Querem fumar um agora?”, pergunta Deb. Nós três olhamos para ela. Eu, surpreso. E aqueles dois apenas com vontade.

“Nós não trouxemos”, diz Shoshana. “Embora seja bem difícil que alguém da Alfândega olhe embaixo da peruca.”

“Talvez vocês possam descolar algum nos círculos subterrâneos do glaucoma em Carmel Lake”, digo. “Tenho certeza que estão bem abastecidos por lá.”

“Engraçadinho”, comenta Mark.

“Sou engraçado mesmo”, digo, agora que estamos todos nos entendendo.

“Nós temos fumo”, diz Deb.

“Temos?”, pergunto. “Acho que não.”

Deb olha para mim e mordisca a cutícula do dedinho.

“Você não passou todos esses anos fumando em segredo, passou?”, digo, começando francamente a sentir que estou em vias de obter toda uma lista de decepções. Não estou me sentindo nada bem.

“Nosso filho”, diz Deb. “Ele tem fumo.”

“Nosso filho?”

“É, Trevor”, diz ela.

“Sei”, respondo. “Sei quem é.”

É coisa demais para um único dia, esse tipo de surpresa. E para mim parece traição. Como se o antigo segredo de minha mulher e o novo segredo de meu filho estivessem entrelaçados e, de algum modo, eu fosse o alvo de uma injustiça. Além disso, não costumo me recuperar rápido de uma desfeita, seja qual for, por parte de Deb — muito menos na presença de outras pessoas. Tenho necessidade de esclarecer as coisas. Ficar sozinho com Deb, nem que fosse por cinco minutos, já resolveria a questão. Mas está mais do que claro que ela não precisa de tempo nenhum sozinha comigo. Não parece nem um pouco incomodada. O que parece estar é bem concentrada. Está entretida encostada no balcão, usando o papel de uma embalagem de absorvente feminino para enrolar um baseado.

“É um método de emergência que desenvolvemos no colégio”, explica Shoshana. “Coisas que garotas adolescentes fazem quando estão desesperadas.”

“E bem que estávamos desesperadas”, diz Deb, como se tudo aquilo já estivesse engraçado. “Lembra daquele menino simpático da *yeshivá* de Queens, aquele que ficava na nossa frente enquanto a gente fumava?”

“Lembro da cara”, diz Shoshana. “Mas não do nome.”

“Ele só ficava nos observando”, conta Deb. “A gente formava um círculo, seis ou sete meninos e meninas, sem se tocar — éramos muito religiosos. Não é maluco, isso?” Deb está se dirigindo a mim, pois Shoshana e Mark não veem nenhuma maluquice naquilo. “A única hora em que nos tocávamos era quando passávamos o baseado, mas só a ponta dos dedos. E esse garoto, nós demos um apelido pra ele.”

“Passador!”, grita Shoshana.

“É”, diz Deb, “é isso mesmo. A gente nunca chamou ele de outra coisa além de ‘Passador’. Porque toda vez que chegava a vez dele fumar o baseado, ele sempre passava para o seguinte. Rand Passador”, diz Deb. “Agora me lembro.”

Shoshana pega o baseado e o acende com um fósforo, inalando profundamente. “É um milagre quando eu consigo lembrar de alguma coisa”, diz ela. “Mas vou contar pra vocês. São as crianças. Quando nasceu a primeira, esqueci metade de tudo o que sabia. Aí, cada uma que ia nascendo, eu perdia outra metade. Dez filhas depois, é espantoso que ainda me lembre de soprar um fósforo depois de acendê-lo.” Ela joga na pia o que está segurando, e ele emite aquele leve chiado. “Na noite passada mesmo, acordei em pânico. Não conseguia me lembrar se havia cinquenta e duas cartas no baralho ou cinquenta e duas semanas no ano. Essas falhas de memória — fico a noite toda acordada remoendo isso, só esperando a chegada do Alzheimer.”

“Não é tão grave assim”, Mark diz a ela. “É só todo mundo num dos lados de sua família que tem isso.”

“É verdade”, reconhece ela, passando o baseado para o marido. “O outro lado é abençoado apenas com a demência. Seja como for, qual é o certo? Cartas ou semanas?”

“Tanto um como o outro”, diz Mark, inalando.

Quando chega a vez de Deb, ela segura o baseado e olha para mim, como se eu devesse assentir ou dar permissão, uma bênção marital que lhe aliviasse a ansiedade. E eu simplesmente não aguento mais. Em vez de dizer “Vá em frente”, ou “Vamos lá”, eu praticamente ladro para Deb. “E quando você pretendia me contar de nosso filho?”, pergunto. “Quando ia ser isso? Desde quando você sabe?”

Diante disso, Deb inala longamente e prende a respiração, como uma veterana.